

Prezados Irmãos,

Começa aqui a publicação da coletânea **Maria, mulher e seguidora**, escrita pelo Ir. Afonso Murad, e composta por 33 pequenos artigos sobre Maria, que ajudarão a ampliar o olhar, a compreensão e a devoção sobre Maria. A publicação será dividida em três partes, e nesta primeira etapa disponibilizaremos os 10 primeiros artigos. Boa leitura!

**A parte II será publicada no próximo mês (dezembro).*

Fraternalmente,

Assessoria de Comunicação Organizacional

Artigo (1) - Anunciação: Deus vem ao encontro de Maria

A anunciação à Maria (Lc 1,26-38) se assemelha a outras cenas bíblicas de anúncio de concepção e nascimento, como a Abraão (Gn 17,19-21) e à mãe de Sansão (Jz 13,1-6). No evangelho de Lucas, está construído em paralelo com o anúncio a Zacarias (Lc 1,5-20). Todos eles mostram que o Senhor toma a iniciativa e que deste encontro resulta algo muito bom para a pessoa e o povo de Deus.

A bíblia, palavra divina em linguagem humana, utiliza gêneros literários. Reflexão de fé, utiliza elementos poéticos e simbólicos. Por isso, não se pode tomar isoladamente cada palavra ou frase, como se fosse simples descrição histórica. O que nos comunica o gênero literário *anúncio*? Deus toma a iniciativa. Ele vem sempre na frente, preparando o futuro. Através de um mensageiro divino, denominado “anjo”, anuncia que virá uma criança importante, para contribuir no processo de salvação. Às vezes, há obstáculos a serem superados. A pessoa questiona “como acontecerá isso?” e Deus lhe oferece um sinal.

Mas o anúncio a Maria é o único na bíblia que termina com uma resposta. Também é um relato de missão. Prepara o nascimento de Jesus e também diz da vocação especial de Maria e de sua resposta generosa. Deus toma a iniciativa. Maria se sente agraciada por Deus, dialoga com ele e, ao final, responde com inteireza. Compromete-se em ser a mãe do salvador. E a vida dela mostrará muitos outros compromissos.

Maria nos revela o jeito cristão de ser. Tudo começa de Deus, que vem ao nosso encontro, independente do lugar onde estamos (Lc 1,28). A gente se encanta com sua luz e bondade. Percebe também as dificuldades e obstáculos. E como Maria, podemos dizer: “eis aqui o servidor(a) do Senhor. Que se faça em mim segundo a sua vontade” (Lc 1,38).

Artigo (2) - Alegre-se, agraciada, Deus está com você!

O relato da Anunciação (Lc 1,26-38) nos diz muito sobre Maria, exemplo de vida para nós, cristãos de hoje.

Gabriel, o mensageiro de Deus, saúda: **Alegre-se!** (v.28). Convida Maria a participar da alegria do novo tempo, que começa com a vinda de Jesus. Lucas destaca a alegria como sinal próprio de Jesus e de seus seguidores (Lc 10,17.21; 19,37; 24,52). Maria é a primeira convidada a se alegrar. Quando Deus se aproxima de nós, contagia-nos com sua alegria. É surpresa e gratuidade, encanto e novidade recriadora.

Maria recebe um nome especial, que nenhuma outra pessoa tem na Bíblia: **agraciada**, favorecida, aquela que tem o favor do Senhor, ou que “encontrou graça diante de Deus” (v.30). E com uma intensidade tão grande! São Jerônimo, quando traduziu a bíblia para o latim, usou a expressão “cheia de graça”. Deus prepara Maria para um grande desafio, iluminando-a especialmente com sua Luz divina.

A seguir, diz: **o Senhor está com você**. Na bíblia, quando alguém recebe uma missão importante e difícil, tem a promessa que não estará sozinha; Deus lhe dará forças para realizá-la. Por exemplo, no chamado a Moisés (Ex 3,11s e 4,12), a Gedeão (Jz 6,12) e a Jeremias (Jer 1,19). Pede-se que a pessoa não tenha medo, confie em Deus e se comprometa, como acontece com Maria.

Alegre-se, agraciada, o Senhor está com você. Essa frase revela quem é Maria aos olhos de Deus: mulher tocada pela graça divina, que a faz encantadora, agraciada e graciosa. Ser humano iluminado pelo Deus da Vida. Colaboradora de Deus, como mãe e educadora de Jesus. Pessoa forte para lidar com os medos e enfrentar os desafios.

Também essa expressão toca cada discípulo(a) missionário(a) de Jesus. Deus convida para alegria duradoura, que só ele nos dá. Concede-nos tantas bênçãos e graças no correr da existência. Como somos agraciados! Encanta-nos com seu amor misericordioso. Quer contar conosco para promover o bem no mundo. E para isso, nos alerta: as dificuldades virão. Mas eu estou com vocês. Que Maria nos dê a generosidade de responder, com alegria e coragem: **sim, conte comigo, Senhor!**

Artigo (3) - José o companheiro fiel de Maria

Em várias pinturas, representa-se José trabalhando na carpintaria, enquanto Maria se ocupa de Jesus. Atualmente há gravuras mostrando o pai adotivo de Jesus cuidando do menino. Tal imagem corresponde melhor à visão de Mateus acerca de José.

Mateus relata a anúncio do anjo a José, durante o sono (Mt 1,18-25). Os dois estão prometidos em casamento, e Maria aparece grávida por ação do Espírito Santo. O que se passou com ele: perplexidade, dúvida, decepção, perda da segurança? Superada a crise, José acredita na sua amada, e apesar de todas as evidências, confia nela. É um homem justo (v.19), não por cumprir a lei, que o permitia denunciá-la por adultério. Mas sim porque realiza a nova lei do amor, que Jesus propõe no Sermão da Montanha (Mt 5,1-48). A misericórdia, consiste em ir além do que o outro aparentemente merece. Sentir por dentro sua dor e suas necessidades. José viveu este amor por Maria. E também foi correspondido. Entre os dois havia uma grande sintonia.

Segundo Mateus, José é o companheiro de Maria e o protetor de Jesus. Acolhe-a amorosamente como sua esposa (Mt 1,24). Conduz a criança e sua mãe para fora do país, a fim de escapar das garras do poderoso Herodes (Mt 2,13-15). Eles enfrentam os perigos da noite e de uma terra estranha, vivendo como refugiados. Anos mais tarde, José traz de volta a família (Mt 2,19-23), para Nazaré da Galileia. Lá trabalha como carpinteiro e agricultor e ensina seu ofício para Jesus. Vida silenciosa, aparentemente sem nada de especial. Junto com Maria, educou Jesus. Pois “o menino crescia em sabedoria, idade e graça, diante de Deus e dos homens” (Lc 2,40).

Quantas coisas boas José e Maria compartilharam no correr dos anos que viveram, um ao lado do outro! Troca de olhares, afeto, cuidado, divisão de tarefas. Expectativas e preocupações do cotidiano de pessoas comuns. Alegria na mesa, contentamento com os primeiros frutos da colheita, oração em família. Ambos, educadores de Jesus, ajudaram a moldar o perfil humano do filho de Deus encarnado.

São José, companheiro fiel de Maria, rogai por nós!

Artigo (4) - Visita de Maria a Isabel

Lucas relata que, logo depois da anunciação, Maria partiu para a região montanhosa, onde morava sua parenta Isabel, casada com Zacarias (Lc 1,39-40). Isabel estava grávida de João Batista, o que era maravilhoso, pois ambos tinham idade avançada e Isabel, incapaz de ter filhos (1,7). Para os judeus, era triste chegar ao fim da vida sem deixar descendência.

Naquele tempo, sem recursos médicos, tal gravidez de risco exigia cuidados especiais. Isabel estava no sexto mês de gravidez. E lá foi Maria, *apressadamente*. Sim, o amor tem pressa. Não espera, antecipa-se, cuida, zela. Mas, pensando bem, que contribuição poderia dar uma adolescente como Maria, sem experiência de gravidez e parto? Não haveria outras mulheres e parentes vizinhas, mais aptas para isso? E pelo jeito, Maria ficou lá três meses e voltou antes do menino nascer (1,56-58).

A solidariedade se move por razões além da mera eficácia. Maria vai ao encontro de Isabel, porque o “sim” a Deus levava a um “eis-me aqui” para a pessoa humana em necessidade. A raiz da solidariedade não reside em fazer coisas ou dar objetos que sobram, mas sim fazer-se próximo, como Jesus conta na parábola do bom samaritano (Lc 10,29-37). Não aconteceu uma visitinha rápida, mas um permanecer na casa de Isabel durante 90 dias. Maria é exemplo dos cristãos solidários e missionários.

O que Maria leva para Isabel? Em primeiro lugar, o contentamento que ela recebe de Deus (1,28). O feto de João Batista vibra de alegria (1,41.44) dentro de Isabel, logo que Maria saúda sua parenta. Ela, cheia do Espírito Santo, proclama: “Bendita é você entre as mulheres e bendito é o fruto do seu ventre” (1,42). Não precisou falar nada. Bastou o encontro, a troca de olhares, o gesto de acolhida. Além disso, as duas compartilharam durante estes meses as alegrias e esperanças de duas mulheres grávidas. Maria ensinou e aprendeu muito com Isabel. E as duas não estavam sozinhas, pois as famílias judaicas se reuniam como clãs, com muitos parentes em volta. Aconteceu uma “comunidade solidária” de mulheres. Por fim, este encontro prenuncia a relação futura de João Batista com Jesus e prepara cântico de louvor entoado por Maria (1,46-55).

A Mãe de Jesus nos ensina a beleza e o valor dos encontros e das visitas. Que ela suscite em nós o ardor missionário de quem se faz próximo, para ajudar, compartilhar e aprender, na grande escola da vida.

Artigo (5) - O cântico de Maria

O evangelista Lucas coloca nos lábios de Maria um belo cântico, que em latim se chama “Magnificat” (Lc 1,46-56). Traduzindo na linguagem de hoje, seria: “proclamo a grandeza (de Deus)”. Baseado no cântico de Ana (1 Sam 2,2-10), e escrito muitos anos depois da visita a Isabel, o Magnificat expressa várias características de Maria. E consiste numa verdadeira lição de oração para nós, hoje.

Maria inicia sua oração com um louvor intenso, que brota do mais íntimo, onde se integram as emoções e as convicções (v.46-47). Qual a razão desta incontida alegria? Deus olhou para sua condição social: jovem, mulher, da desconhecida Nazaré, na Galiléia (v.48). Maria reconhece com gratidão que Deus fez nela maravilhas (v. 49). E aí reside o segredo da humildade: não em autodesvalorização, mas sim em uma percepção real do que somos, agradecendo a Deus por tanta graça recebida. A pessoa humilde, como Maria, não ignora suas qualidades; e sim as coloca à disposição dos outros.

A oração de Maria começa na interioridade, na alma, no espírito, no coração, e dali se expande. Sai de si mesma, louvando a Deus pela misericórdia que se prolonga “de geração em geração”, na história de seu povo, no atual momento e no futuro (v.50). Ecoa nela a fé bíblica que o amor de Deus é “para sempre”, pois podemos prova-lo tanto na criação como nos fatos (Sl 136).

A seguir, baseada no cântico de Ana e antecipando as Bem-aventuras e os alertas de Jesus (Lc 6,20-26), Maria proclama que Deus faz uma grande mudança na realidade social. A boa nova de Jesus tem repercussão estrutural. Exige uma mudança na distribuição dos bens produzidos e do exercício do poder (v.51-53). Embora utilizando a imagem da inversão, não propõe simplesmente uma mudança de posição, e sim novas relações.

Por fim, Maria recorda que este tempo novo do Messias, que se inaugura com ela, é a realização da promessa a Abraão (v.54-55). Este homem, símbolo da fé do povo de Israel, confiou radicalmente em Deus, deixou sua segurança para trás e saiu em busca de nova terra.

Portanto, o cântico de Maria resume os diversos elementos da oração cristã: louvor, ação de graças, recordação, súplica, reconhecimento da ação de Deus no coração de cada pessoa e na sociedade. Situada no presente, faz memória e abre-se de forma esperançada para o futuro. Maria, ensina teu povo a rezar!

Artigo (6) - Maria está junto de Jesus

No tempo do natal há presépios nas igrejas e nas casas. Imaginemos os personagens que povoam esta cena tão bela e simples: pastores e ovelhas, reis magos com seus presentes, galo que canta na madrugada, o boi e o burro no estábulo, José, Maria e o bebê Jesus. Nos presépios medievais se colocavam ainda centenas de personagens cotidianas das vilas e cidades. Tudo isso para mostrar o que João resumiu nesta frase: “a palavra se fez carne, e veio habitar entre nós (Jo 1,13)”. A comunicação de Deus se torna humana. Vem pertinho de nós, vivendo nossa existência, iluminando por dentro a história da humanidade e de todos os seres que habitam a Casa Comum (cf. 1,3-5).

Mateus mostra que a vida de Jesus não começa de maneira fácil. Herodes, o chefe político que dominava a região em nome dos romanos, sente-se ameaçado e quer matá-lo (Mt 2,3.16). As autoridades religiosas de Jerusalém parecem perturbadas com o nascimento do Jesus. Mas estão tão instaladas, que nem se movem. Outros buscam a Jesus. Guiados pela estrela, os reis magos encontram o bebê-messias, se ajoelham e lhe prestam homenagem. “Ao entrarem na casa, viram o menino com Maria, sua mãe” (Mt 2,11). Essa proximidade de Maria com seu filho não é somente geográfica. Ela está efetivamente junto com Jesus, associada à sua história, desde o começo. Vive os nove meses de gestação, dá à luz, cuida e educa. Durante os anos da infância, na companhia de José, dá as condições para que o Filho de Deus encarnado se desenvolva plenamente. Cresça integralmente, “em sabedoria e graça diante de Deus e dos homens” (Lc 2,52).

A vinda do salvador traz enorme alegria para o céu e a terra. No âmbito divino, anjos cantando. No espaço do campo, humildes pastores se espantam com novidade tão grande. O medo dá lugar ao contentamento. Eles saem apressadamente para Belém. Lá encontram Maria, José e o recém-nascido deitado na manjedoura (Lc 2,8-20). Louvam e glorificam a Deus por tudo o que experimentam. E Maria? Ela deve ter transbordado de alegria também. Ao mesmo tempo, seu coração de aprendiz não se contenta com a maravilha que seus olhos veem. É necessário adentrar-se no sentido dos acontecimentos. O que Deus está lhe ensinando com tudo isso? Assim, diz Lucas, “Maria conservava todos esses fatos e meditava sobre eles em seu coração” (Lc 2,19). Não basta estar presente. Ela mergulha no sentido profundo dos acontecimentos, para interpretar o que Deus lhe comunica.

Então, Lucas e Mateus nos mostram que Maria está associada intimamente ao seu filho, não somente por uma questão biológica. Desde o começo, ela participa dos riscos, das tristezas e das alegrias de Jesus. Acompanha-o atentamente, aprende com os fatos, busca o sentido mais profundo dos acontecimentos. Maria louva e se alegra. Vive intensamente a missão de mãe e educadora de Jesus, amando e sendo amada, aprendendo e ensinando.

Assim também acontece conosco. Como cristãos e cristãs, estamos unidos a Jesus e à sua causa. Compartilhamos as alegrias e tristezas da humanidade e do planeta. Ensinamos e aprendemos. Que Maria, nossa mãe na fé, molde nosso coração de discípulos missionários, aprendizes e atuantes.

Artigo (7) - Maria da apresentação: dividir para multiplicar

Lucas 2,21-23 narra a ida de José, Maria e o bebê Jesus a Jerusalém. Por volta de 40 dias depois do nascimento do filho mais velho (primogênito), a mãe e o pai deviam ir ao templo de Jerusalém oferecer o filho a Deus. Levavam também a oferta para o sacrifício religioso, que normalmente era um cordeirinho. Mas, como Maria e José eram pobres, ofereceram somente dois pombinhos (v.24). No Templo, a família de Nazaré encontra o velho Simeão (v.25-35) e a profetiza Ana (v.36-38). Ambos representam o antigo povo de Israel, que acolhe com alegria e esperança o messias. Simeão profetiza que Jesus será causa de contradição, revelará o que está escondido no coração das pessoas e a própria Maria sofrerá na carne um grande conflito, devido às exigências de Jesus (v.34-35).

O gesto não visava somente cumprir um preceito legal. Quando Maria vem com Jesus e José ao templo, ela oferta a si própria a Deus. Carregando o bebê no colo, Maria se apresenta diante do Senhor com generosidade. Ela renova o compromisso que tinha feito com Deus, na anunciação. Pois as opções mais profundas na vida, mesmo se feitas uma vez para sempre, precisam ser renovadas e reafirmadas. Era como se Maria dissesse a Deus: *Eu aceitei Teu chamado, e Teu filho se faz carne na minha carne. Obrigada! Agora, eu e José assumimos o compromisso de amá-lo e educá-lo. De Ti recebemos a graça desta criança. A ti oferecemos esta criança, como uma dádiva”*.

L. Palú e R. Pelaquin, expressaram de forma poética a postura de Maria e José:

Nossa Senhora vai, por entre o povo/ À luz do sol, à luz das profecias.

Leva nas mãos o seu menino lindo/ No coração, certezas e agonias (alegrias).

E cada vez que eu abro as mãos, feliz/ Para ofertar com gosto o coração.

Eu me enriqueço, o mundo se enriquece/ Renovo o gesto da apresentação.

Leva seu filho ao Templo/ E o sacerdote ofereceu Jesus ao Pai da Luz

Maria ergueu suas mãos em prece/ que nunca mais ficaram sem Jesus.

Quando oferecemos a Deus nossos dons, trabalhos, conquistas e esperanças, recriamos o gesto da apresentação de Maria. Enriquecemos a nós mesmos, à sociedade e ao mundo. As mãos de Maria, que simbolizam a disposição livre de se engajar na causa de Deus, sempre estão com Jesus. Ela não o retém. Entrega-o a Deus e a nós.

Que Maria educadora nos ensine a surpreendente lógica do evangelho: quando dividimos o que somos e temos, Deus multiplica as sementes e os frutos.

Artigo (8) - Aprender com os Encontros e desencontros

Vinicius de Moraes dizia que “a vida é a arte do encontro, embora haja muitos desencontros pela vida”. Na existência humana é assim: por mais que se cultive a sintonia, o entendimento, a reciprocidade, há momentos em que as diferenças aparecem e surgem os conflitos. Também essas ocasiões são oportunidades de crescimento.

Lucas narra uma cena com Jesus adolescente, aos 12 anos (Lc 2,41-50). Quando alcançava essa idade, o homem era assumido como membro do povo de Israel. Deixava de ser uma criança. Maria e José estão voltando da peregrinação ao templo de Jerusalém. Depois de um dia de caminhada, percebem que o menino não está no meio do grupo, nem entre os parentes e conhecidos. Voltam então ao templo, e três dias depois encontram Jesus. Ele ouvia, questionava e discutia com os “doutores”, nome dado aos que interpretavam as Sagradas Escrituras judaicas. A consciência messiânica irrompe neste adolescente inquieto, com impressionante vigor. Depois, serão muito anos de silêncio, em Nazaré, até que Jesus inicie sua missão (Mc 1,15).

Seus pais, ao verem tal cena, se surpreendem e ficam emocionados. Maria desempenha o papel que cabe a pais e educadores. Isso implica por limites, advertir, corrigir: “Meu filho, por que você fez isso conosco? Estávamos angustiados, à sua procura!” (v.48). Jesus responde de forma surpreendente, dizendo que ele deve estar na casa do Pai. E eles não entendem o que Jesus lhes diz. Precisavam ainda caminhar na fé, para compreender muitas coisas que Jesus dirá e fará, quando anunciar o Evangelho.

Então, eles voltam para casa. E, como acontecia naquele tempo (hoje não é bem assim), Jesus obedecia aos seus pais. E nesta vida simples, junto com seu povo, Jesus ia crescendo “em sabedoria, em estatura e graça, diante de Deus e dos homens” (Lc 2,52). Quanto à Maria e à José, eles também evoluíam, aprendendo e ensinando, em uma convivência amorosa e calorosa. E possivelmente aconteceram outras crises. Simeão havia profetizado: “Uma espada atravessará sua alma” (Lc 2,15). A dor na hora da cruz foi a mais evidente, mas outras também aconteceram.

Lucas repete a mesma expressão que usou na cena do nascimento: “Maria guardava estes fatos, meditando-os no seu coração” (Lc 2,19.51). Isso significa que Maria aprende com os fatos, estabelece a ligação entre eles, cresce na compreensão. A fé é sempre aposta em Deus, acreditar nas suas promessas, caminhar na esperança, em meio a luzes e sombras.

Que Maria nos ensine a bem educar as novas gerações, a aprender com os acontecimentos, a crescer no amor e na fé, nos encontros e desencontros da vida.

Artigo (9) - A vida em Nazaré: descobrir Deus no cotidiano

Constantemente somos bombardeados com a ideia que o ser humano é “uma celebridade”. Ele deve aparecer o máximo possível e ser reconhecido como especial. Nos perfis das redes sociais, as pessoas se mostram jovens e bonitas. Compartilham fotos e vídeos de momentos alegres. Por todo lado se estimula uma *super-exposição*. Nas igrejas cristãs se espalha a visão de que a fé exige milagres e manifestações extraordinárias. A meta é o sucesso na vida profissional, na saúde e na família. Acumular e mostrar muitos bens de consumo! Ora, se este é o modelo do ser humano feliz, então não se entende os longos anos silenciosos de Jesus em Nazaré, com Maria e José.

A chamada “vida oculta” da família de Nazaré nos diz que os frutos mais saborosos da vida necessitam de tempo para serem semeados, cultivados e amadurecidos. E há certos tesouros da vida pessoal que não devem se tornar públicos, pois perderiam seu encanto.

No livro *O cotidiano de Maria de Nazaré*, Clodovis Boff diz que na experiência de Maria, o lugar normal do encontro com o Divino é justamente o cotidiano. Assim, algumas pinturas representam a Anunciação quando ela se encontra fiando a lã ou tirando água da fonte. Ninguém podia imaginar o que se passava no reverso divino dessa vida igual à de todo mundo. Sua existência, seu rosto e até seu nome não tinham nada de especial no mundo em que vivia: eram comuns a tantas filhas de Israel.

Maria vivia esse cotidiano de forma extraordinária. Personificava cada evento, perguntando-se no fundo do coração o que Deus queria lhe dizer. A misteriosa alquimia para transfigurar sua vida era a meditação amorosa e confiante. Mulher reflexiva que era, repassava os acontecimentos de cada dia, num coração impregnado de fé e de amor (Lc 2,19.51). Ela experimentou sua existência com grande intensidade: a máxima alegria em eventos como a visitação e a ressurreição de Jesus, e a máxima dor em fatos como a perda no templo e a morte de Jesus na cruz.

O Papa Francisco nos diz: “a espiritualidade cristã propõe um crescimento na sobriedade e capacidade de se alegrar com pouco. É um regresso à simplicidade que nos permite parar e saborear as pequenas coisas, agradecer as possibilidades que a vida oferece sem nos apegarmos ao que temos nem entristecermos por aquilo que não possuímos. Isto exige evitar a dinâmica do domínio e da mera acumulação de prazeres” (Laudato Si 222). As pessoas que saboreiam mais e vivem melhor cada momento são aquelas que deixam de petiscar aqui e ali, sempre à procura do que não têm, e experimentam o que significa dar apreço a cada pessoa e a cada coisa, aprendem a familiarizar com as coisas mais simples e sabem alegrar-se com elas (nº 223).

Que Maria de Nazaré nos ensine a desenvolver uma vida simples e centrada no essencial. Assim, descobrimos Deus no cotidiano. Amém!

Artigo (10) - Quem é minha mãe? Quem são meus irmãos?

Certa vez, Jesus estava com seus discípulos e a multidão, quando alguém lhe disse: “Sua mãe e seus irmãos estão ali fora e querem vê-lo”. Jesus respondeu: “Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a colocam em prática” (Lc 8,19-21). Será que ele tratou mal à sua mãe? Teria esquecido toda a sua dedicação?

Um fato de hoje ajuda a entender a atitude de Jesus. Luis Carlos é voluntário da Pastoral dos enfermos. Nos hospitais, visita especialmente os que estão nas enfermarias e não recebem atenção dos outros. Veste um jaleco branco com o crachá de identificação. Um dia, se aproximou de uma mulher que estava sozinha. Quando ela o viu, reagiu: “Você não é da minha religião. Não quero saber de sua conversa! Vai embora”. Então Luis saiu, retirou o jaleco e o crachá. Voltou e lhe disse: “Joana, você aceita a visita de um amigo?” Meio sem graça, ela consentiu. E assim, Luis vinha visitá-la toda a semana. Até que um dia soube que Joana havia ganhado alta. Meses depois, quando estava no ônibus, alguém lhe bate no ombro. Luis se vira e vê Joana de pé. Ela olha nos seus olhos e diz emocionada: “Muito obrigado! Você foi para mim um irmão. Quando eu senti muita solidão e nenhum parente veio me visitar, você foi mais do que alguém da família!”

Jesus gostava muito de sua família. Ele recebeu boa educação de Maria e José, e não faria uma desfeita para sua mãe. No entanto, quando Jesus começou a sua missão, ele convocou homens e mulheres para fazer parte de uma nova família, não mais ligada por laços de parentesco. Nessa nova família o que importa era “ouvir a palavra e colocá-la em prática”, ser discípulo de Jesus, como a terra boa que acolhe e frutifica a semente do Evangelho (Lc 8,15). Alguns parentes não aceitaram a proposta de Jesus e o rejeitaram (Mc 6,1-6). Mas, para Maria, a realidade foi outra. Ela não foi somente a mãe biológica, mas também aderiu ao grupo dos seus seguidores/as de Jesus. Acompanhava seu filho e os discípulos pelos povoados da Galileia.

Na hora da cruz, Maria está ao lado de Jesus, com outras mulheres e o discípulo amado (Jo 19,25). Ela também participa da preparação de pentecostes (At 1,14 e 2,1). Maria fez parte tanto da família biológica de Jesus, quanto da nova família dos discípulos-missionários. Assim se entende a resposta de Jesus à mulher que, na multidão, elogia sua mãe biológica: “Felizes o ventre que te trouxe e os seios que te amamentaram”. Jesus diz: “Antes, felizes os que ouvem a palavra de Deus e a praticam” (Lc 11,27s). Tal expressão não é uma crítica, mas sim um elogio a Maria. Ela, mais do que ninguém, acolheu a palavra de Deus inteira e intensamente. Vivenciou-a de tal forma que se tornou, para todas as gerações, um modelo de fé, de amor solidário e de esperança.